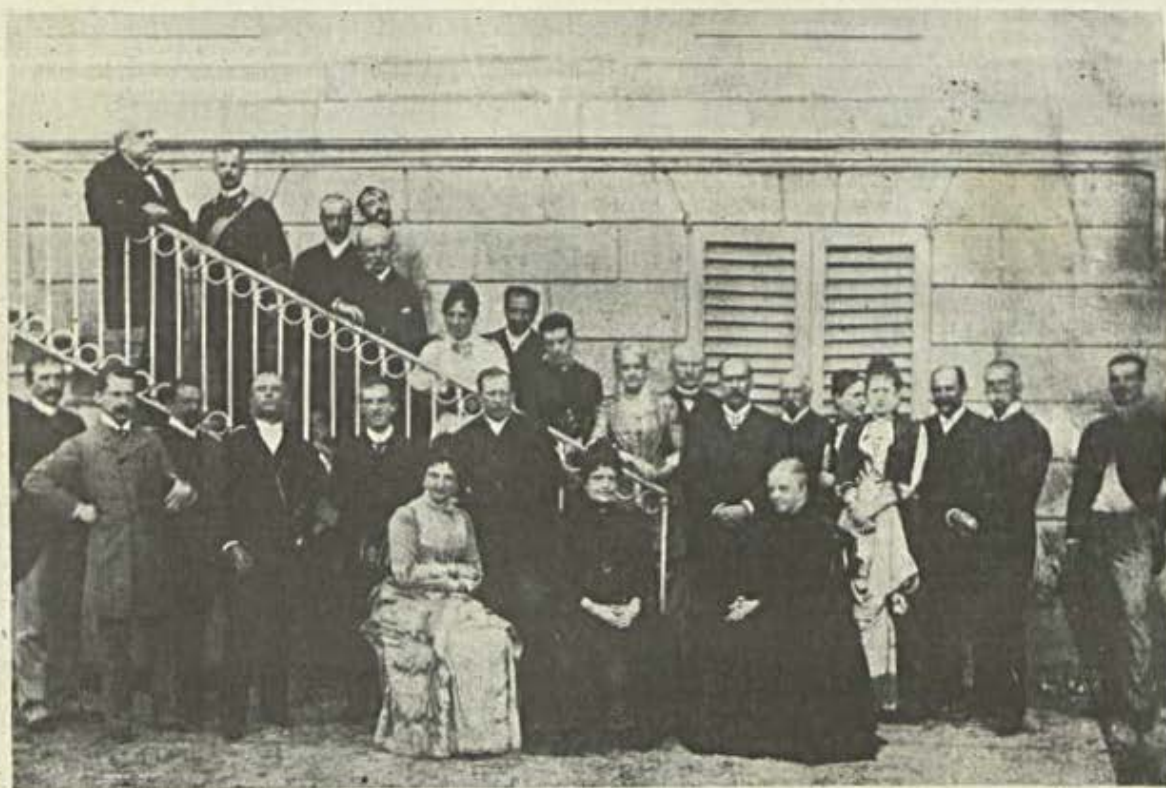


BRASIL-PORTUGAL

1 DE JANEIRO DE 1905

N.º 143



Grupo tirado em Monza (Italia) pelo actual rei de Italia, então Principe de Napoles, no dia 25 de setembro de 1888

Sentados estão S. M. a Rainha a Senhora D. Maria Pia, dando a direita a sua cunhada a Rainha Margarida, e a esquerda a sua irmã a Princesa Clotilde, viúva do Principe Napoleão. De pé, no primeiro plano El-Rei D. Luiz, o Principe de Napoles (hoje Rei Victor Manoel) Dr. May Figueira e os camaristas dos reis de Italia. Pela escada, olhando da esquerda para a direita, o maestro Vera, um official ás ordens, Conde de Mossamedes, Dr. Antonio de Lencastre, um ajudante de campo, Condessa de Monteceno, Marqueza de Villa Marim, camareira-mór, Benjamim Pinto, ministro da Allemanha em Roma. Atraz da Princesa Clotilde, da direita para a esquerda, Fernando Eduardo de Serpa, Rei Humberto, Princesa d'Otoyán e camaristas de serviço.

POLITICA INTERNACIONAL

Na Espanha e na Hungria acabam de declarar-se duas crises, as quaes, embora diferentes de caracter e comportando distincta soluçãõ, nem porisso deixam de ter diversos pontos de contacto. Em Espanha caio o governo. Na Hungria vae ser dissolvido o parlamento. E cousa singular, em Madrid afunda-se o governo do sr. Maura, sem que no congresso deixe de reinar a mais profunda tranquillidade. Em Budapest tumultua o parlamento, sem que o ministerio presidido pelo sr. Tisza perca a linha de impassibilidade, que o fez ser testemunha inactiva dos disturbios commettidos na camara magyar.

Em ambos os casos, porém, as duas crises são graves por revelarem a doença profunda, de que enfermam os respectivos paizes. Começemos pela crise hungara.

Os successos são conhecidos, e veem largamente descriptos em todos os grandes orgãos da imprensa europeia. Estando annunciada uma reunião da camara dos deputados de Budapes, os deputados da opposição capitaneados pelo conde Apponyi, antigo presidente da camara, e pelo sr. Kossuth, chefe do partido da independencia, entraram em massa na sala das sessões duas ou tres horas antes da fixada para a reunião, desarmaram e espancaram os guardas que tentavam oppôr-se á entrada d'elles, arrancaram do seu logar e fizeram em estilhas a cadeira presidencial, quebraram todas as carteiras e bancos, despedaçaram o resto do mobiliario, incluindo quadros e ornatos, rasgaram os livros officiaes da camara e mais papeis que encontraram, cortaram os tapetes, desmantellaram as tribunas, e depois de realisarem todas estas tropelias com um horror sempre crescente, permaneceram na sala, em meio do montão das ruinas, para se certificarem que mesmo assim por cima dos escombros a sessão se não abria, e só se retiraram quando por fim se convenceram de que pelo menos por aquelle dia estavam findos os trabalhos parlamentares...

O conde de Tisza, que foi appupado e insultado ao chegar á camara depois d'estas scenas de vandalismo, sem precedente em parlamento algum do mundo, convocou logo o ministerio para deliberar sobre o occorrido, e tomando a palavra no club do partido liberal declarou, que tinha mandado proceder judicialmente contra os deputados da opposição por crime de attentado contra a propriedade do estado, annunciando ao mesmo tempo que estava disposto a dissolver o parlamento e a appellar para o paiz, não recuando na politica que iniciou e que no seu entender é a unica capaz de salvar o parlamentarismo na Hungria de uma ruina certa.

Pelo seu dado os deputados da opposição estão dispostos a ir até á ultima extremidade, animados agora sobretudo pelo exito que teve a conjuração para que a camara não funcionasse.

Até aqui os factos. O que é, porém, que os occasionou e lhes deu tão singular relevo? Em poucas palavras o vamos resumir.

Ha muitos annos que no parlamento hungaro, assim como no parlamento austriaco, o obstruccionismo é a principal, quasi que a unica arma de que se servem as opposições para combater os governos. Graças á lacuna que a este respeito se encontra no regimento interno das camaras dos dois paizes, é licito a qualquer grupp parlamentar, ainda que numericamente pouco importante, protelar indefinidamente as discussões, obrigando o ministerio a capitular. E' assim que no Reichsrath austriaco o obstruccionismo ora dos allemães, ora dos tchecos, tem paralyzado todo o trabalho legislativo, tornando absolutamente estereis as sessões, e entravando o funcionamento regular da constituição. Na Hungria fructificou o exemplo da Austria, e de tal maneira o obstruccionismo se acclimou em pouco tempo no parlamento magyar, que elle pôde ser considerado hoje como o melhor typo do genero.

Foi durante a gerencia do ministerio Szell e a proposito da discussão das leis militares, que o partido da independencia começou a pôr em pratica o obstruccionismo em grande escala, e com tal exito o fez, que o ministerio se vio forçado a apresentar a demissão. Seguiu-se uma crise politica das mais graves que a Hungria tem atravessado depois de 1866, e ao cabo de trabalhosissimas negociações foi chamado a constituir governo o conde de Hedervary, banus da Croacia. E' sabido como o obstruccionismo do grupp de Kossuth o obrigou a demittir-se.

Foi então que Francisco José, desesperando de resolver a crise magyar pela conciliação, chamou aos conselhos da corôa o conde Tisza, filho do celebre politico do mesmo nome, por tanto tempo o verdadeiro dictador da Hungria. O conde de Tisza, uma especie de edicção correcta e augmentada do pai, mas ainda mais violento e autoritario do que elle, passa por ser o pulso verdadeiramente forte entre os actuaes politicos de Budapest.

Desde que subio ao poder não cessou o novo presidente do conselho de ameaçar a opposição parlamentar com a modificação do regimento interno da camara, afim de pôr termo de uma vez para sempre ao obstruccionismo, que era a espada de Damocles suspensa sobre a cabeça de todos os ministerios.

Mas para modificar a lei interna da camara dos deputados torna-

va-se necessario que essa modificação fosse previamente discutida e votada. Ora ahí é que estava a difficuldade, porque o obstruccionismo da opposição impediria que se votasse qualquer cousa, e portanto tudo continuaria no mesmo estado, menos o governo que mais se enfraqueceria por este novo chéque. N'esta apertada situação, sem saída para o governo, o conde de Tisza recorre a um expediente, que suppoz dar-lhe a victoria definitiva sobre as opposições.

Aproveitando um momento de distracção d'estas, e servindo-se do tumulto que a discussão do seu projecto occasionava, fez passar por surpresa a modificação, que ficou sendo conhecida pelo nome de «lei da guilhotina». Grande foi o espanto e a indignação dos deputados opposicionistas, quando pela mesa se declarou que a modificação proposta pelo governo tinha sido approvada. Todos os membros da opposição se uniram no mesmo protesto, declarando unanimemente que consideravam como não votada a modificação do regimento, jurando ao mesmo tempo não a acatar. A sessão em que se deu o escandalo, que relatámos, era a primeira que devia funcionar sob o novo regimen. Vê-se pois que a opposição cumpriu a sua palavra, porque de facto a «lei da guilhotina» não pôde entrar em execução. A camara foi addida por decreto real para o dia 28 d'este mez, e naturalmente n'esse dia novos tumultos darão ao conde de Tisza o pretexto para dissolver o parlamento. E depois?...

E depois? é a pergunta que anciosamente fazem todos os amigos da Hungria, porque a situação do paiz cada dia se torna mais grave. E' evidente que o governo não hesita e vae entrar no periodo eleitoral, disposto a todas as violencias para conseguir uma maioria sua. Esta maioria não ha duvida que a conseguirá; mas não poderá evitar que volte novamente á camara a minoria em força sufficiente para embaraçar todos os trabalhos legislativos. De mais deve attender-se á circumstancia, que d'esta vez o conde de Tisza não lucra apenas com o partido da independencia. Em volta do sr. Kossuth está não só o partido catholico, a fracção Ugron, mas o conde de Apponyi, que é ainda uma grande força, o conde Andrassy e alguns mais dissidentes do partido liberal. De modo, que mesmo no campo eleitoral a victoria não será muito facil de alcançar para o governo, apesar de todos os meios que elle pôde fazer valer em seu favor. Em todo o caso, embora vencedor, parece-nos difficil que o sr. Tisza se possa conservar no poder. Não obstante a sua energia e a resolução em que está de não ceder, é duvidosa a sua permanencia como presidente do conselho. Se é certa sobretudo a noticia, que corre, de novas deserções no partido liberal, pôde até muito bem ser que fique derrotado nas eleições, o que talvez simplificasse a situação. Os tempos hoje são diversos d'elles em que o velho Koloman Tisza exerceu por tantos annos a sua dictadura parlamentar. Além de que os processos do pai do actual ministro eram um pouco differentes. Apellava mais para a corrupção do que para a violencia, e é sabido como em todas as épocas o ouro tem resolvido mais difficuldades do que o ferro.

A actual crise na Hungria reveste tanto maior gravidade, quanto é certo que ella se conjuga com uma crise geral do imperio. Por um lado são as relações entre as duas metades da monarchia, que ameaçam modificar-se profundamente; por outro lado são dentro de cada uma das duas metades as questões complicadissimas, que surgem entre as diversas nacionalidades. Assim, a Austria tem a questão tcheca, que lhe paralyza toda a actividade parlamentar, sem fallar na questão italiana, que ainda ha pouco provocou uma das costumadas explosões de odio entre as duas raças. A Hungria tem a questão croata, que de vez em quando se exacerba e vem perturbar o socego dos politicos de Pest, sem fallar na questão rumenica, que, embora latente, nem por isso deixa de prognosticar serias perturbações talvez em não muito distante futuro.

N'estas circumstancias a lucta dos partidos na Hungria, acirrada pela attitude intransigente do conde de Tisza, só pôde prejudicar a situação da monarchia de Santo Estevam dentro do imperio, dando ao mesmo tempo novo alento ás reivindicações das diversas nacionalidades, que ainda não estão satisfeitas e que aspiram a transformar o regimen do dualismo n'uma federação, em que cada uma possa alcançar completa autonomia. Não vê este perigo o conde de Tisza e o partido, que o appoia? O proprio imperador, apesar de toda a sua experiencia e da consummada habilidade de que tem dado provas na politica equilibrista, que é obrigado a seguir, parece-nos trilhar errado caminho no appoio incondicional que está prestando á parte menos sympathica do partido liberal, com exclusão de alguns elementos importantes, como os do conde Apponyi e os do conde Andrassy. Estes dois politicos, especialmente o primeiro, afastados systematicamente do governo, vão fatalmente deslizando mesmo sem o querer para o partido da independencia, que é em ultima analyse quem lucra com a lucta dos partidos constitucionaes propriamente ditos. Ora cada novo triumpho do partido do sr. Kossuth representa uma machadada no edificio com tanto esforço levantado por Francisco Deák.

CONSIGLIERI PEDROSO.

Monumento a Eduardo Coelho

Festa imponente e grandiosa, mas entesacedora e simples, a da inauguração d'este monumento na alameda de S. Pedro de Alcantara: simples como sempre o foi Eduardo Coelho.

A sua biographia escreve-se em tres palavras "Trabalho, Família, Honestidade." Modesto pela origem e pela profissão, modesto se conservou pela vida adiante, sem que o ensoberbecessem honrarias e mercês. Eduardo Coelho foi caixeiro de commercio, como Garrett o foi no exilio, como Gomes de Amorim foi chapeleiro, e Xavier de Novaes foi ourives. Ora o patrão de Eduardo Coelho, que mal conhecia o *deve e haver*, foi aos ares quando soube das tendencias litterarias do empregado, e um bello dia o poeta viu-se na rua com seis vintens no bolso, um punhado de ideias na alma e aos pés um bahú atafalhado de livros. Por essa epoca a vida era cara, os sonhos e os versos não davam pão, e Eduardo Coelho, pensando que para grandes males grandes remedios, metteu-se a typographo, como Michelet. Começava assim o grande combate, de que saiu vencedor á custa de muitos esforços e de muita pertinacia.

"Quem me diria — escreveu elle aos nos volvidos — que ainda havia de vir a ser compositor typographico, auctor dramatico, e empresario e redactor de jornaes? Emfim, a gente tem de ser alguma coisa n'este mundo, e bom é quando, lutando braço a braço com a adversidade, como eu luctei, accumulando um capital de lagrimas, desdenas e desenganos, de que se tira tardio juro, não esmorece, nem cae vencido no campo, e pode um dia, sem ser pesado ao Estado, pôr as suas faculdades á disposição dos seus concidadãos."

Foi longo e aspero o caminho andado, mas que elle percorreu sem desanimos antes e depois de surgir o primeiro numero do *Diario de Noticias*, que appareceu ha 40 annos, em 29 de dezembro de 1864, e que foi fundado por Eduardo Coelho e Thomaz Quintino.

Vem bem a proposito transcrever a carta sinceramente eloquente que Antonio Augusto de Aguiar dirigiu a Eduardo Coelho felicitando-o pela commenda de S. Thiago com que 31-Rei D. Luiz o agraciára:

"Felicito-te pela distincção, bem merecida e bem applicada, escrevia lhe Aguiar em 25 de setembro de 1881. Todos os meus collegas te fizeram justiça, e, acima de todos, El-Rei, que, sempre curioso da sua ordem predilecta, assignou a carta regia com verdadeira satisfação. Não faço rhetorica, escrevo a verdade. Nada deves aos ministros, e muito menos a mim. Fizeram-te justiça. Um homem como tu, que, embora filho de um patriota, começou a sua vida luctando com a desgraça, e que, depois de infinitos combates, chega a ser o creador da imprensa imparcial e independente, valendo á sua conta mais do que muitas escolas de instrucção primaria, incutindo nas classes populares o gosto pela leitura, merece, no meu entender, as melhores distincções de que os governos podem dispôr. Um homem como tu, que pozeste ao serviço dos interesses nacionaes a tua penna e o teu jornal para se realizar o inquerito industrial com feliz exito, e fazer-se a exposição agricola de 1884, tem direito a todas as considerações dos poderes publicos.

"Um homem como tu, que sustentas uma familia numerosa de industriaes, que proteges os fracos, que loizas desinteressadamente os amigos do paiz, e que ajudas os governos nos seus intentos generosos, tem em toda a parte a estima e o respeito dos seus concidadãos. Se ha uma festa de caridade, lá está o teu jornal a patrocina-la, se ha uma empresa util, aparece sempre o teu jornal a defende-la, se ha uma campanha patriotica a emprender, ainda vem o teu jornal, primeiro que todos, a promover a sua realisação. Pedes para os pobres, advogas os interesses dos humildes, e prestas sempre auxilio aos infelizes.

"Não te esqueceste dos teus infortunios no meio da opulencia que te cerca, nem renegas o teu passado de trabalho, de energia e de lucta. Todos te devem mais ou menos um pequeno favor, e nem mesmo os ingratos, a sós com a sua consciencia, podem olvidal-os.

"Eu não fiz nada que m'o agradeças. O governo é que reconheceu os teus serviços, e tão bem o fez, que não tem merecido por isso senão elogios. Quem te conhece, como eu, sabe que não careces de distincções para augmentar o teu merecimento. O que se fez não foi senão accentuar, de um modo positivo, o que a opinião publica affirmava a teu respeito."

Passados quarenta annos, e no dia do anniversario do appare-

cimento do primeiro numero do *Diario de Noticias*, consagra-se a memoria do infatigavel trabalhador, e promove essa homenagem justissima, juntamente com um grupo de amigos do morto, o actual director do jornal, jornal que tem salido manter-se na sua linha correcta de seriedade e independencia — Alfredo Cunha, o escriptor, o poeta, o jornalista de pulso firme.

O monumento que hoje reproduzimos, sobre uma bella photographia de um neto de Eduardo Coelho, tem a altura de 4,70 — pedestal e envaramento 3,50: busto 1,20. A estatua da frente e o busto são de bronze: o resto é em pedra lioz de Pero Pinheiro.



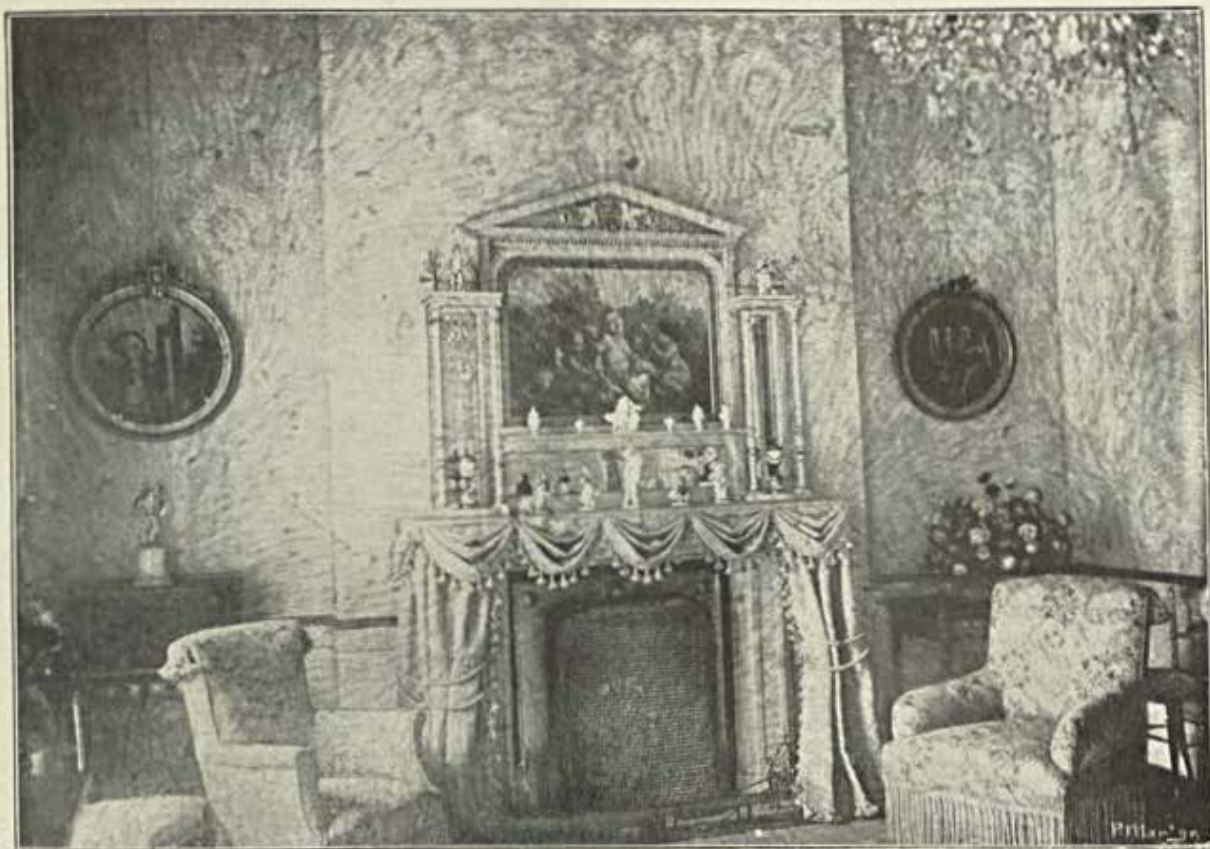
Fac simile do 1.º numero do «Diario de Noticias», saído a publico em 29 de dezembro de 1864



Auctor do projecto: Alvaro Machado
Estatuario: Costa Motta

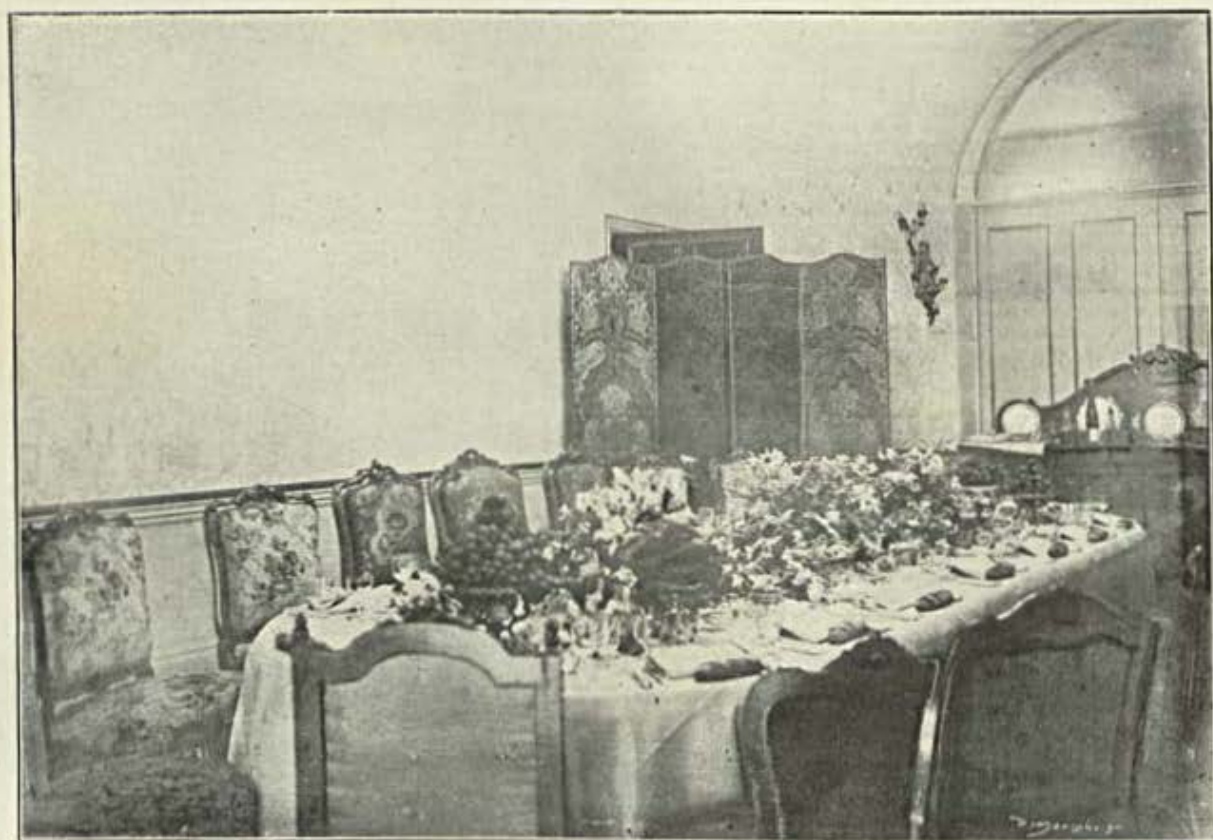
Cliché de Eduardo Coelho da Cunha, neto de Eduardo Coelho

Legação Portuguesa em Londres



Cliché Denollel.

Sala em que Suas Magestades receberam no dia 1 de dezembro de 1904



Sala em que se realizou o almoço em honra de Suas Magestades

Mortos illustres

José Antonio Serrano, Fernando da Costa Maya

Quasi do mesmo sopro, victimados apenas com um dia de intervalo n'esta época, que tantas surpresas funebres nos está proporcionando, lá os levou a morte para a longa viagem, de que, mau grado nosso, ainda ninguém voltou; sobre a qual, philosophia e religião, lançando-se no dominio do inconhecível, hão-de estar sempre em perpetuo desacordo, e que, mesmo aos olhos dos mais crentes, se apresenta como um tenebroso ponto de interrogação.

Que o primeiro tinha em breve os seus dias contados não era ponto de duvida para os que o rodeavam, nem para elle proprio, e na sua celebre phrase — morrer asphyxiado não estava no programma — revelou mais uma vez o estoicismo espartano, que nas variadas phases da sua vida nunca desmentiu. O segundo estava muito longe de imaginar, que tão cedo lhe seria cortado o fio da existencia, e ainda bem, porque tendo constituido familia que idolatrava, ser-lhe-ia bem doloroso o pensar no transe supremo na falta que faria aos filhos que eram o seu enlevo; collocal-os na sociedade, nas posições em que noite e dia sonhava, foi o mais querido dos seus anhelos, o problema capital da sua vida. Elle, o official intemerato, que podia affrontar mil vezes o inimigo, que tão sobejas provas deu de sangue frio em difficeis conjuncturas, nem uma só vez pederia deixar de tremer, quando ao espirito occorresse essa terrivel idéa. O arcaboço de luctador, longe de ser incompativel, até requer o pulsar de grande coração. Bismarck, que, no dizer de um dos seus biographos, era capaz de reduzir a brazeiro a casa, que melhor lhe approuvesse, para n'elle acender o seu charuto, tornou-se por isso, como pela avareza e crasso egoismo, o que de mais erú e deshumano nos offerecem os atavicos exemplares, que fazem lembrar na civilização actual, a feroicidade dos troydytas, sobre cujas sepulturas a ampulheta do tempo já contou longe curso de seculos.

A noticia de qualquer d'estas mortes, tão esperada uma d'ellas, quão inesperada a outra, correu com a velocidade do raio e no seu trajecto foi lançando na mais profunda consternação os que a recebiam.

Parece quasi impossivel, que dois homens, fadados para destinos diametralmente oppostos, se attendermos aos fitos a que na sua vida publica visavam, se nos apresentem com tantos pontos de contacto, em que talvez nunca houvessemos pensado, se pela queda, quasi simultanea, das duas louzas de sepulchro, a morte não lhes viesse bruscamente estabelecer o confronto.

Serrano, medico, dedicando-se á arte de curar, Maya, official de cavallaria, á de matar, conseguiram ambos a bemquerença dos seus concidadãos, especializando entre elles, o que raro se dá, a dos collegas e camaradas. Souberam impôr-se pelos dotes da intelligencia, pelas bem aproveitadas facultades de trabalho, pelas subidas qualidades, esmaltando o caracter de cada um, bom e precioso, como ouro de lei. Ambos professores, dedicando-se com ardor á sua missão, deixaram em obras, que não morrem o perpetuo testemunho do quão proficua foi a sua, infelizmente pouco longa, passagem pelas cadeiras que regiam, a honrosa recordação do que para esses dois funcionarios era o cumprimento do dever.

A ambos quizeram os alumnos das respectivas escolas dar a solemne e derradeira manifestação de apreço, acompanhando-os em funebre cortezia á ultima morada; espectaculos commoventissimos, perante os quaes, até os mais indifferentes, ao descobrirem-se, sentiam n'um aperto de coração, que o espirito se ia lançar em profundo recolhimento. Não era simplesmente da perla de dois homens, que a todos iam falando essas filas silenciosas, enlutadas, de rapazes na força da vida, com toda a pujança das energias, que a natureza prodigaliza á mocidade; a linguagem d'esses acompanhamentos cizia nos, na sua singela e imponente eloquencia, que essas grandes perdas eram irreparaveis, que tres escolas, cobertas de crepe as suas bandeiras, seguiam a caminho do cemiterio, pagando uma divida sagrada no render excepcional d'esse preito a quem fez do ensino tão alto sacerdoceo.

Nem só ao meio academico pertenciam os que foram nas piedosas romagens, gente de varias classes sociais accorreram e em grande numero, mostrando mais uma vez na solidariedade do sentimento, no apagar dos dissídios da lucta da vida em face das sepulturas, a confraternização não raras vezes manifestada entre os que vivem do trabalho nobilitante, e era a dois trabalhadores, des mais prestadios e incansaveis, assim rendida essa pouco vulgar homenagem.

Quer nos primores do espirito, quer nos do trato social, deixam de si inolvidavel memoria. Possuam diversas aptidões, que muito os podiam ter distrahido dos encargos officiaes e cada um d'elles se dedicou com entranhado amor á profissão exercida; só excepcionalmente os viamos divagar por fora dos predilectos campos, em que se lhes expandia a febril actividade.

Serrano, professor e escriptor de medicina, como o era Maya em assumptos militares, gosavam da justificada reputação de auctoridades nas materias que versavam e a que nas suas lucubrações se cingiram. Assim é que lhes foi decorrendo a existencia; assim é que veio surpreheude-los a morte.

As profissões, bem diversas, deviam, todavia, distanciar os bastante sob algum ponto de vista para que um paralelo, por mais rapidamente traçado que seja, exprima com rigor a verdade. Os temperamentos, apesar da energia em ambos revelada, também não eram rigorosamente iguaes.

Propendia o primeiro para os trabalhos de gabinete, em cujo remanso a sua penna traçou obras de cunho, que hão-de ficar sempre

como grandioso monumento do esforço e das facultades intellectuaes do illustre medico portuguez. D'essas obras, aquilatadas em subido grau por homens de indiscutivel competencia, tanto do paiz, como do estrangeiro, fala bem alto o renome por elle conquistado.

Quem tanto esmero e acerto demonstrou no estudo da tactica, que, além da assiduidade no gabinete, requer longo tirocinio de campo, não podia deixar de ser homem de acção como foi Maya. Se pensarmos ainda no tempo, durante o qual foi ornamento do professorado, nas muitas e importantes commissões de serviço por elle desempenhadas, reconheceremos que Serrano dispôz para as suas obra, não só de maior numero de annos, mas também de mais tempo aproveitavel em cada um: Atravez d'este prisma reconhecemos, que Maya conseguiu muito e o por elle realizado com tanto louvor do paiz e de fóra, sobretudo de Italia, nos leva a pensar, que, se um sópro de vida podesse ainda animar, sob a sua campã, o sabio medico, elle sentir-se-ia lisonjeado da camaradagem, que a morte lhe deu, com tão illustre official do exercito e professor das nossas escolas.

A ambos, com quem mantive inalteraveis relações de amizade, me prende a recordação de outros tempos, de um passado para nós bem ri-soso e que não volta; lá foram n'esse torvelinho, em que tenho visto desaparecer parentes e amigos.

A batalha da vida tem dizimado tanto os meus antigos condiscipu-los, que poucos já restam de pé.

Acompanhei-os á derradeira morada, mas á sua memoria querida nunca poderei considerar prestada a ultima homenagem, porque homenagem será sempre a saudade que não finda, a dolorosa recordação que não se apaga.

Obras do prof. Serrano: — *Dos nervos vaso-motórs. Factos e theorias physiologicas.* (These inaugural) — 1875.

— *Estudos de anatomia pathologica geral segundo o transformismo. Nutrição, inflamação, neoformações* (Dissertação de concurso) — 1880.

— *Manual synoptico de anatomia descriptiva* (Edição official) — 1893.

— *Tratado de osteologia humana. Morphologia, phylogenia, onthogenia.* — Este trabalho é precedido da noticia documentada e critica dos professores, que em Lisboa ensinaram anatomia, desde o seculo XVI até á actualidade.

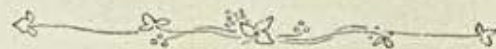
E' a sua corôa scientifica, sobre que recaiu o premio de El-Rei D. Luiz I.

O primeiro tomo é de 1895 e o segundo de 1897.

Obras do prof. Maya. — *Notas sobre a cavallaria* — 1884 — *Estudos Militares* — 1891 — *Real Collegio Militar*. 1903 — Esta obra, sobre aquella importante instituição militar, appareceu em 1900 em francez, com o titulo *Royal College Militaire, — Tactica das tres armas* — 1900 — *Da cavallaria. Sua missão strategica e tactica* — 1901. — *Tactica applicada* 1901. — *Discurso proferido na sessão solemne de abertura da escola do exercito*. 1902 — *Subsidios para a historia militar de Portugal*, 1904.

Não poderam com valiosos legados pôr os que mais estimavam no abrigo da miseria, legaram, porém, aos seus um nome honrado e á sociedade esse valioso inventario.

L. F. MARRÉCAS FERREIRA.



João Correia dos Santos

Tenente do Estado Maior, collaborador do «Brasil-Portugal», e lente do Real Collegio Militar, logar para que foi nomeado por morte do major Fernando Maia, cujo retrato demos no numero anterior

Viagem Real



A Rainha Senhora D. Amelia
recebida pela pessoal da Legação portuguesa em Londres no dia da recepção



Domingos Borges, ao serviço da Legação Portuguesa em Londres ha 50 annos.
Foi agraciado por el-Rei com o habito do Christo



Pessoal da Legação Portuguesa em Londres,
Costa Faria, 2.º secretario, Antonio da Costa Cabral, 1.º secretario, Camara Manoel
1.º secretario, Dr. Mario do Nascimento, addido

Excavações

Se o grande, o que nos orbes diamantinos
Tem curvos a seus pés dos reis os fados,
Novamente me der vér animados
De modesta ventura os meus destinos:

Se accordarem na lyra os sons divinos
Que dormem (já da gloria não lembrados),
Ao côro eterno, candidos e alados
Honrar com elle um Deus ireis, meus hymnos

Mas da humana carreira ainda no meio,
Se a debil flor vital sentir murchada
Por lei que envolta na existencia veiu;

Co'a mente pelos céos toda espraiada,
Dizei, d'eternidade ufano e cheio:
«Adeus, ó mundo! ó natureza! ó nada!»

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava;
Ah! cego eu cria, ah! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana:

De que innumerous sóes a mente ufana
Existencia falaz me não dourava!
Mas eis succumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua orgia damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:

Deus, ó Deus!... Quando a morte á luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

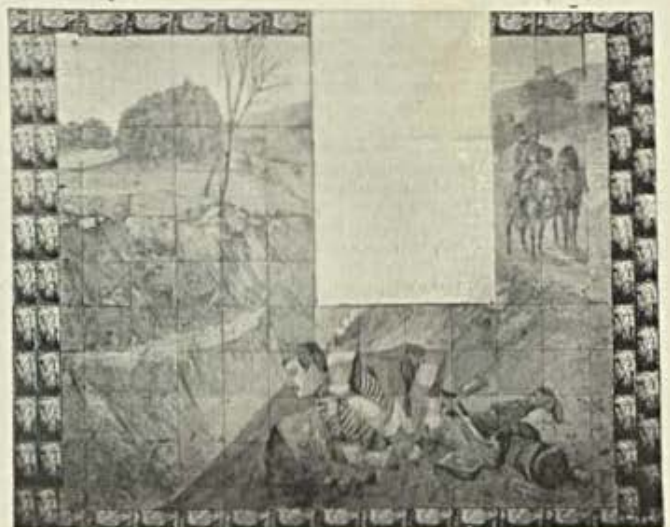
Já Bocage não sou!... A cova escura
Meu astro vae parar desfeito em vento...
Eu aos Céos ultrajei! Ó meu tormento
Leve me torne sempre a terra dura:

Conheço agora já quam vã figura
Em prosa e verso fez meu louco intento:
Musa.... Tivera algum merecimento
Se um raio da razão seguisse pura!

Eu me arrependo; a lingua quasi fria
Brade em alto pregão á mocidade,
Que atraz do som phantastico corria:

Outro Aretino fui... A santidade
Manchei!... Oh! Se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos, crê na eternidade!

BOCAGE.



Azulejo de Jorge Colaço

O extermínio de um povo

Eduardo de Noronha, jornalista de nome accentuado, e uma individualidade saliente nas letras portuguezas, acaba de publicar mais um livro interessante e bem observado em que trata do Transvaal, que conheceu de perto. É um romance simples na sua factura, em que realça a verdade historica. Embora o seu auctor por vezes evidencie a sua sympathia por esse povo da Africa Oriental.

O *Brasil-Portugal* permite-se a liberdade de transcrever as primeiras paginas com que abre o livro, e aproveita o ensejo para felicitar o escriptor, cuja valia ha muito se accentua.

O regimento 94

A 13 de dezembro de 1880, cêrca das onze horas da manhã, era enorme a affluencia de gente na pequena povoação de Paardekraal, situada proximo de Heidelberg, cidade do Transvaal ou Republica da Africa do Sul.

O calor era intenso. O sol, quasi a prumo, rutilava no firmamento, sem vapores que lhe tolhessem o brilho, n'um azul de uma limpidez de saphira, profundo e ethereo; o *veld* (planicie), desdobrado em largas ondulações, cobria-se de poeira luminosa, atapetava-se de capim opulento e vicejante, que tremeluzia altivo e devotava com soberba para a cupula fulgurante as scintillações que de lá lhe eram arremessadas. O dorso das montanhas longinquoas, as cumeadas do Drakensberg, os pincaes do Karoo, as vertentes dos *koppies* (outeiros), inflavam-se n'um rotundo abaulamento, revestiam-se de estanho em fusão, relampejavam como um arnez de guerreiro medieval; repuxavam dos flancos regatos de purissima agua, prateada como um fio de mercurio, e concorriam n'um desvaireamento de tons vivos e estonteantes para ainda mais inundar de luz a paisagem esbrazeada. As vivendas da aldeia, brancas como um casal da Extremadura, perdidas em meio d'um oceano de herba pujante, tão alta que occultava um elephante, assemelhavam-se a um bando de alvéolos, pousadas em ceara já madura. A par d'isto, o ar era tão fluido, tão oxygenado, tão rico em principios essenciaes ao organismo, que se sorvia a vida a longos haustos n'uma satisfação perenne, e o sangue depurado, robustecido, transformava-se n'uma alavanca poderosa que fazia vibrar na alma todas as energias e todas as audacias.

Na praça do mercado de Paardekraal, amplo e caracteristico recinto dos povoados hollandezes da Africa do Sul, estavam reunidas mais de doze mil pessoas de varias edades e sexos. Os boers, palavra que significa homem dedicado aos labores da agricultura, do seu natural frios, reservados e circumspectos, pareciam n'esse dia dominados por cingular exaltação.

Os velhos, altos, frescos, aprumados, de hombros largos, fronte rasgada, olhar sereno e compridas barbas brancas, como se tivessem o peito abrigado por uma lorica tecida de cans, com o indispensavel cachimbo ao canto da boeca, conversavam animadamente; os rapazes de sobrolho carregado, expressão viril, rosto ensombrado pelos immensos chapéus de abas largas, gestos sacudidos, falavam em tom forte e ameaçador; as mulheres menos numerosas que os homens, em cabello, de feições salientes, cutis fina mas tiznada pelo sol, com os traços accentuados da raça hollandeza, ora acalmavam uns que se tornavam mais salientes pela sua excitação, ora incitavam outros cujo animo se mostrava vacillante; as creanças, percebendo que, entre os paes e os irmãos primogenitos, se passava qualquer coisa de anormal, permaneciam silenciosas, attentas, esquecidas dos folguedos proprios da idade, desejando conhecer o motivo da extranha discussão e ajuntamento.

A distancia, proximo das cascas rusticas que ladeavam o terreiro, viam-se, immoveis, as carretas, pesados e solidos vehiculos, que podem transportar de dois a sete mil kilos, construidas de madeira de uma resistencia de ferro, á prova de todos os obstaculos, que trituram as pedras que se lhes oppõem no caminho, vadeiam rios de margens alcançilladas e leitos pedregosos, descem rampas de declive aspero e sobem encostas cuja inclinação intimidaria o mais habil dos cocheiros europeus. Na frente de cada carreta havia quatorze e quinze juntas de bois, ligadas pelas cangas a uma comprida corrente que se prolongava da lança e funcionava como tirante. Os animaes, com o aspecto resignado e paciente peculiar á sua casta, esperavam, de pé ou deitados, a ruminar com lentidão, que os puzessem em movimento. Dispersos ou em grupos, esperavam as ordens dos amos, os criados negros, hottentotes, betchuanas, zulos, armados de esguios chicotes, com o cabo de canna da India, de cinco a seis metros de altura, e de uma correa de cavallo-marinho, da grossura d'um dedo e da mesma extensão do cabo. A um canto da praça, de cabeça pendida, com as redes atiradas para o chão, saltando relinchos de quando em quando, apinhavam-se algumas contenas de cavallos.

Nos grupos as controversias cada vez se acaloravam mais e denunciavam maior impaciencia á medida que o tempo decorria.

— Elles ahí veem! — exclamou, de subito, uma voz do seio da multidão.

— Ahí estão Pretorius, Kruger e Joubert! — acerescentaram dez pessoas a um tempo.

A vozaria cessou no mesmo instante e todos se voltaram para uma rua que desembocava no largo por onde galopavam tres cavalleiros envoltos em nuvens de pó. Chegadas á praça apearam-se lentamente, entregaram os cavallos e as carabinas, que traziam, a tres serviaes que acudiram, e, no meio de saudações, dos *gut morges* dos brancos e dos *molo bass* dos pretos, foram distribuindo apertos de mão, chamando pelo nome e interrogando cada pessoa que se lhes approximava. As

perguntas choviam em cima dos tres recemebegados como granizo em noite tempestuosa. Com um sorriso bondoso, serenamente, recomendavam por meio de signaes que acalmassem a impaciencia, que breve saberiam o que com tanta instancia desejavam.

— Então que responderam? Que resolveu o governo inglez? Que noticias vieram de Londres?

As interrogações estalejavam como uma girandola de foguetes, inintermittentes, insistentes, denotando uma ansiedade levada ao paroxysmo.

— Queremos ser livres! Abaixo o despotismo! Se as boas razões não convencem, appellemos para a violencia! Deus não ha de abandonar o seu povo!

Estas exhortações eram feitas pela gente moça, mais insofrida. Os velhos tinham relampagos nas pupillas, mas conservavam-se serenos, e as mulheres fitavam com os seus grandes e profundos olhos azues os maridos e os filhos. Porfim, a exaltação dos primeiros momentos foi amortecendo como amorteece o echo de uma trovoadas que se affasta.

Restabelecido o silencio, subiu para uma das carretas um homem de perto de sessenta annos, typo caracteristico da velha linguagem boer, de physionomia energica, olhar tranquillo e intelligente, barba completamente branca por debaixo do queixo, entroncado, robusto, manifestando em cada movimento resolução, força de vontade e vigor muscular. Era Paulo Kruger. Da multidão sahio um grito unanime:

— Viva o tio Paulo!

Este sorriu-se com bonhomia e principiou:

— Burghers, perdeu-se a nossa ultima esperanza. Gladstone, que tanto apoiou a causa do Transvaal enquanto esteve na opposição, recusa-se terminantemente a dar-nos a liberdade, agora que é ministro. Está exgottados todos os meios pacificos para readquirir a nossa independencia, usurpada ha tres annos pela simples proclamação d'um delegado britannico. Urge escolher: ou sermos vassallos da rainha Victoria na terra que conquistámos com o nosso sangue, ou recuperar a autonomia com as armas na mão. Ou a escravidão com ignominia, ou a morte na defesa da patria!...

— A morte, a morte! Queremos ser livres, livres! nascemos livres queremos morrer! Viva o Transvaal! Abaixo a tyranhia!

Estes brados retumbaram como uma tempestade em eó carregado de nuvens. Toda aquella gente, de ordinario tão fria e grave, extorcia-se com vehemencia como se a convulsionasse uma forte corrente electrica. Eram as mulheres as mais indignadas, e de punhos fechados, erguidos para a ar, amaldiçoavam a ambição dos estrangeiros. Paulo Kruger, depois de repetidos esforços, conseguiu proseguir:

— ... Vejo com orgulho que a antiga raça hollandeza não degenerou, e que o amor da terra que nos foi berço é estímulo para os sacrificios mais dolorosos. Pois sendo assim, meus filhos, como a 16 deste mez faz quarenta e dois annos que nossos paes derrotaram o temido regulo zulo Dingana, e é este o anniversario mais glorioso da nossa historia, arvoremos n'esse dia a bandeira da revolta. O general sir Garnet Wolseley declarou ha pouco tempo que enquanto o *sol brilhasse* a Inglaterra não renunciaria á sua soberania sobre nós: provemos-lhe que o seu vaticinio pode falhar. Este official regressou com uma boa parte das suas tropas á Europa. O momento é azado. Ou agora ou nunca...

— Agora! Já! No mesmo instante! — bradaram com vozes de estentor todos os presentes, — que recia sobre a cabeça dos nossos inimigos o sangue que vae correr...

— Calma, meus amigos, — continuou o velho orador, depois de passado o aguaceiro das exprobações e das ameaças. — A lucta em que nos vamos empenhar é tremenda. Do nosso lado está a justiça e direito do expoliado, a prerogativa da posse, o privilegio da occupação á custa de muitas vidas e de muito trabalho, a nossa existencia patriarcal, os fóros de pioneiros e de desbravadores de sertões invios, a fé na nossa causa, a esperanza no auxilio do Omnipotente; do outro a Gran-Bretanha e as suas colonias, o maior imperio do mundo, a sua incomparavel riqueza, os seus exereitos e as suas esquadras, a tenacidade e patriotismo da sua nação, as suas machinas de extermínio, os meios mais poderosos que o progresso tem inventado, o orgulho e a capacidade das seus estadistas, a sobrançeria com que pretende dominar os outros povos. Nós somos alguns milhares de pessoas, elles são centenas de milhões; nós só temos a terra que pisamos, os bosques onde nos escondemos, as montanhas que nos servem de reductos; elles campeiam em todo o mar, possuem uma fortaleza em cada ilha, uma colonia em cada paiz, um estado em cada parte do mundo. A nossa bandeira poucos a conhecem, a d'elles tremula e domina em todo o Universo. O seu poder aperta o globo n'uma gargalheira de libras e de esquadras, o nosso nem sequer chega para guarnecer uma parte da fronteira. Todavia se nos escasseiam os recursos não nos fraqueja a alma, e se succumbirmos, succumbiremos com honra. A'vante, pois! Burghers, elegei aqui mesmo, no presente instante, um governo provisório e ponhamo-nos immediatamente em campo.

Este discurso foi acolhido com numerosos e estridentes applausos. Mas depressa tudo se concentrou n'um silencio profundo, e d'alli a meia hora, depois de se proceder a um rapido escrutinio, era eleito um triumvirato composto de Paulo Kruger, Pretorius e Joubert, e indicado o dr. Jorissen para procurador geral da Republica.

Joubert foi nomeado, acto continuo, commandante geral de todas as forças boers. Não perdendo um só minuto, organisou immediatamente tres corpos de cidadãos ou *commandos*, que deviam desempenhar tres commissões importantes. O primeiro foi enviado a Potchefstroom para alli proclamar a independencia da Republica; o segundo marchou sobre Heidelberg, expulsou de lá as autoridades britannicas e apossou-se da cidade sem resistencia; o terceiro commandado pelo proprio Joubert, foi postar-se na estrada que de Lydenburgo vae para Pretoria, a tomar o passo ao regimento de infantaria 94, que recebera ordem para ir reforçar a guarnição da capital do Transvaal.

E' esse que vamos acompanhar na sua marcha.



Cliche de A. Lima

O almoço em honra do dr. Magalhães Lima, no Real Colyseo de Lisboa no dia 18-12-904

A prisão dos christãos

Do romance *Os Claudios*, de Ernest Eckstein, cuja edição sae hoje dos prelos da empresa viuva Tavares Cardoso, reproduzimos um pequeno trecho.

A traducção é do sr. Annibal de Azevedo.

O guia lembrou-se de deixar ali alguns dos seus homens, mas, como o bosque se estendia muito para o sul, desprezou essa cautela. A occupação de todas as saídas, até ás faldas dos montes Albanos, demandaria meia legião. Demais Antinoos declarou terminantemente que chegariam á pedreira sem serem observados. Ella estava tão sepultada no bosque, que os christãos se sentiam ali em plena segurança e não tinham postos de guarda: de modo que, havia poucos dias, elle tinha podido introduzir-se uns quinze passos na grande galeria e atravessal-a sem ser visto. Os soldados entraram no matto um a um. Antinoos pegára na lanterna. Em tres minutos chegaram ao massiço de loureiros, que occultava o caminho da pedreira. O escravo grego afastou os ramos, triumphante.

— É aqui, — disse elle com ironia. N'um abrir e fechar d'olhos são nossos, como a lebre na rede.

O pequeno grupo de christãos sobre o qual impendia tal sorte, tinha acabado de se ajoelhar para a oração em commum, quando á entrada da pedreira resoaram estrepitos de armas e passos pesados. Todos se ergueram aterrados. Alguns tornaram a cair de joelhos, contorcendo as mãos. As mulheres e as creanças abraçavam-se umas ás outras. Uma parte dos homens mais moços, entre os quaes Tracio Barbatto, assumiram uma attitude resoluta, que revelava a intenção de uma resistencia desesperada. Outros olhavam immoveis e em muda submissão. De onde em onde descobria-se um rosto, em que se pintava a embriaguez de um sagrado enthusiasmo. Só Quinto e o cego Caleno não mostravam de modo algum o seu sentimento. Mesmo antes que se podesse conceber a idéa da fuga, o velho centurião surgiu de pé á entrada, com a larga espada nua na mão direita; por detraz d'elle brilharam os elmos dos seus soldados.

Um grito altíssimo os acolheu. Tracio Barbatto arremeçou a lucerna e lançou mão ao ferro, que levava escondido debaixo do manto.

— Aquelle que fizer o menor movimento, morre! — gritou o centurião, acenando á sua gente. Em poucos instantes o subterraneo, á direita e á esquerda, encheu-se de soldados.

Quinto, que tambem estava armado, apertou convulsivamente com a mão direita o punho da espada. Mediu com o olhar o grupo dos seus companheiros: a lucta era desigual até o ridiculo, mas devia tentar-se.

N'um relance a espada saiu da bainha: mas no mesmo momento o grego Antinoos atacou-o de flanco, segurando-lhe com desesperada furia a mão direita. Antes que se podesse libertar d'elle, Quinto estava cercado de soldados. A espada foi-lhe tirada e seis ou oito mãos robustas o immobilisaram pelos braços e pelos hombros.

Então o centurião acercou-se d'elle com a espada baixa.

— *Domine*, — disse elle, — como vês, toda a resistencia é inutil.

— Que queres? — perguntou Quinto, encarando-o com altivez.

— Tu o sabes, *domine*.

— Conheces-me?

— Quem vive em Roma que não conheça o filho de Tito Claudio?

— E prendes-me como a um assassino de estrada?

— Cumpro o meu dever; proceo os christãos.

— E encontraste-os, — exclamou Antinoos, arquejando pelo esforço empregado.

— Quem é este rapaz? — perguntou Quinto, com ar de profunda repugnancia.

— Sou Antinoos, o escravo de Estevam, — respondeu elle com ironia. — Trago-te os cumprimentos de meu amo e — acrescentou em voz baixa — os da tua vizinha de Baías.

— Silencio! — ordenou o centurião. — O teu papel findou. Vae-te!

Quinto arrancou do peito um suspiro grave e profundo. Compreendera demasiado o que significavam as palavras do atrevido rapaz.

O centurião não o deixou muito tempo entregue a esses sentimentos.

— *Domine*, — disse elle, — és meu prisioneiro. Se me promettes não fugir nem attentar contra ti proprio, mesmo com perigo meu pouparte-ei ás algemas; esses, porém, devem ser algemados. Se tens poder sobre elles, exhorta os a obedecer com paciencia.

— Nunca, — gritou Tracio desembainhando a espada. — Combatamos, irmãos, combatamos até o ultimo! Não só a quem soffre, mas tambem a quem lucta, sorri a corôa do martyrio.

— Alto! — gritou o velho Caleno. — Quem fala aqui tão sceleradamente! Queres delinquir como Pedro no Jardim de Gethsemani? Ai de ti, insensato! Assim não se ganha o ceu, mas a condemnação eterna.

As palavras do velho, preferidas em extase prophetic, produziram uma impressão profunda. Aquelles que pouco antes se apuravam com tanta firmeza, curvaram as fronte. Só Tracio permaneceu inabalavel.

— Imaginas, — gritou elle com voz de trovão, — que o filho de Deus, que expulsou os vendelhões do Templo, era um cordeiro? Foi um leão, que só ceedeu á força. O Redemptor do mundo, que disse aos escravos: «Vós tendes os mesmos direitos á vida que os vossos algozes», aquelle vos quebrou as cadeias, não quer nem cobardes nem vis. Vem cá, Glaucua, o teu delicado corpo não é pasto para as feras de Getulia. Reza á tua oração, Glaucua. Jesus Christo tenha piedade de nós!

E conservou a donzella ternamente abraçada.

— Curvai-vos perante os imprescritaveis decretos de Deus! — aconselhou a voz fatidica do ancão.

— *Amen!* — respondeu em côra a comunidade consternada.

— Ponde-lhes as algemas — ordenou o centurião.

Mas Quinto, com serena tranquillidade, pediu-lhe que o escutasse.

— Uma palavra! — disse elle voltando-se para o centurião. — Quem vos guiou até aqui foi aquelle vil rapaz. Centurião, juro-te pela minha honra que esta armadilha nocturna foi preparada só para mim. Levai-me, pois; seguir-vos-ei. Arrastai-me para Roma entre cadeias e baste-vos a gloria de terdes conseguido o vosso fim. Mas deixai livres esses desgraçados, que aguardam tremendo a sua sorte. Deixai-os seguir o seu caminho sem incommodo. Vieram aqui apenas para se despedirem dos logares onde até agora viveram na sua fé. Não quiseram violar a lei.

— Quem é que renega o seu salvador? — resou a voz prophetica do cego. — Nós somos fieis sequazes de Jesus Crucificado. Seja eterna mente louvado e bendito o seu nome!

Quinto calou-se. Uma expressão de dor profunda lhe contraiu o rosto.

— Bem, — disse elle com ar hostil, — cumpre o teu dever.

Os soldados avançaram. Os christãos, nenhum dos quaes, á excepção de Tracio, estava armado, deixaram-se algemar sem resistencia. Só Tracio ia recuando sempre para o nicho. Com a mão esquerda apertava contra si Glaucua, que como fóra de si se lhe agarrava ao hombro; com a direita brandia a espada. N'esse momento aproximaram-se d'elle dois soldados.

— Despachemo-nos, velho! gritou-lhe o mais proximo. — Bem vês que somos vinte contra um.

Logo a seguir, ao pé de Tracio e da Glaucua, encostada ao pilar, estava ajoelhada Euterpe. Na sua desolação havia abraçado a fria pedra, murmurando fervorosas preces. Quando ergueu os olhos, rompeu-lhe dos labios um grito agudo, dilacerante, e rolou no sólo de costas e sem sentidos. Por unica resposta á intimação, Tracio, erguendo o ferro, mergulhara-o até os copos no seio de sua filha. Os proprios dois soldados, perante aquelle espectaculo, ficaram como petrificados. Tracio deixou cair suavemente o leve corpo da morta. Uma torrente de lagrimas lhe inundava o rosto cheio de rugas. Até na morte a creança parecia sorrir. Um leve estremecimento e tudo se acabou.

— Deus te salve! — suspirou o infeliz. — Nenhum algóz te fará soffrer... E agora avança, infames, e, prostrai-me ao lado da minha querida, da minha boa Glaucua.

E, com um salto furioso, precipitou-se sobre um dos soldados. Este fogue-lhe e tenta segura o pelos rins, mas em vão. Um terrivel golpe o fere no cimo do elmo. Desfallecido, vacilla e cae.

— Velho louco, — grita o outro, — lança fóra a espada, ou por Hereules...

— Tracio! Desgraçado! Por amor de Christo! — gritavam trinta vozes a um tempo. Mas Tracio ergueu de novo a espada e precipitou-se para a frente como um leão.

— Não quer ter juizo — gritam os soldados, rodeando-o por todos os lados.

Um momento depois, o velho, atravessado por tres espadas a um tempo, cae junto de Glaucua. Nem um grito de dôr lhe saiu dos labios desdenhosos; nem um espasmo, nem uma contração revelou a dilaceração d'aquella morte. Só a mão se estendeu lentamente, procurando a mão da filha. E assim expirou.

— Tambem eu assim poderia morrer, — disse de si para si. — O Deus omnipotente, seja feita a tua vontade!

— Estão todos promptos, soldados? — gritou o centurião, embainhando a espada.

— Promptos!

— Bem. Em marcha para a cidade. Nada de lamentos, mulheres! Com os gritos e as lagrimas não se reparam desgraças! Avante! Avante!

E o longo, o triste cortejo poz-se a caminho. Só os mortos ficaram para traz: os livres, os felizes.



Dr. Magalhães Lima

Pela representação pessoal de dois dos seus directores associou-se a *Abraço* Portugalia, ás homenagem recentemente prestadas a Sebastião de Magalhães Lima. O valor, a bondade, o caracter, a honra a sua plena e triumphal consagração a essas festas em que tomaram parte com o mesmo alvoroço e o mesmo enthusiasmo os mais antipathicos representantes de ideias, de classes, de principios e de collectividões. São velhos amigos pessoais do illustre jornalista e tribuna os directores d'esta revista que completam a sua homenagem publicando hoje o retrato de Magalhães Lima e o relatorio do imponente banquete que lhe foi offerecido no Real Collyeu de Lisboa.

A viagem de Suas Magestades

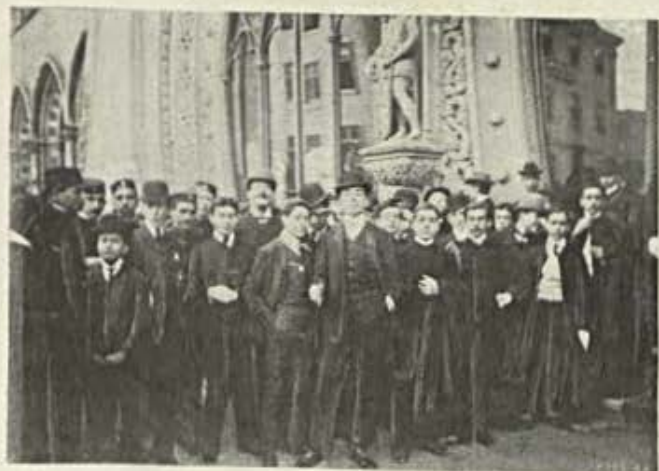
O *Brasil Portugal*, que seguiu de perto a viagem dos reis de Portugal a Inglaterra, publica ainda hoje algumas gravuras que por absoluta falta de tempo não foi possível inserir no numero anterior. Terminada aqui a sua missão de chronicista pelos instantaneos, felicita muito modestamente El-Rei e a Rainha pelo seu regresso ao paiz.



*A' saída da estação do Rocio, em 20-12-904
El-Rei, S. M. a Rainha e SS. A.A.*



S. M. a Rainha a Sen'ora D. Maria Pia



Grupo de estudantes do Lyceu que lançaram capas á passagem das duas Rainhas



*Os aspirantes da Escola do Exercito, marchando
Clichés de A. Lima.*



Um azulejo de Jorge Colaço



Cliché de A. Lima.

Marinheiros da Armada — Grupo de officiaes

Da esquerda para a direita. — 1.º plano: Dr. Antonio Ignacio Simões, 1.º tenente Vieira da Silva, 1.º tenente Alfredo Pedreira Caçador, 1.º tenente Julio José de Alcito, capitão-tenente João de Sousa Bandeira, medico-chefe dr. Alexandre Norberto Correia Pinho d'Almeida, capitão de mar e guerra Carlos Ernesto Gonçalves Teixeira, contra almirante conselheiro Antonio Sergio de Sousa, (commandante do corpo), capitão de fragata Joaquim A. Nunes da Silva, capitão-tenente Alvaro d'Oliveira Soares d'Andréa, 1.º tenente José de Campos Ferreira Lima, 1.º tenente João de Freitas Ribeiro, 1.º tenente José Maria da Silveira Estrella, capellão naval Roberto Francisco Lança, commissario naval de 1.ª classe Eugenio d'Almeida Avila.

2.º plano: Commissario naval de 2.ª classe José Justino Marques da Silva, guarda marinha Serrão Machado, 2.ª tenentes Almeida Maduro, Marques d'Almeida, Lino de Sousa, Alberto Jacques, Matta Oliveira, Vieira de Mattos, Villar, Joaquim Costa, Crato, Bobella da Motta e Soares de Medeiros, guardas marinha Sousa Leal, Sousa Junior e Correia do Inso.

Corpo de marinheiros

Reproduzimos hoje algumas gravuras interessantes do quartel de marinheiros. Este corpo tem uma historia curiosa, de que, por absoluta falta de espaço em publicações d'esta indole, apenas daremos algumas notas.

O antigo *corpo da brigada de marinha* foi dissolvido por decreto de 7 de novembro de 1836. Depois, cada navio de guerra alistava a sua guarnição por meio de um signal que içava e recebia destacamentos do *Batalhão Naval*, creado no anno seguinte (7 de janeiro.)

Esta organização durou até outubro de 1851, anno em que, sendo ministro o Duque de Saldanha, se creou o *Corpo de Marinheiros Militares*, que se installou a bordo da fragata *D. Fernando*, de que era commandante o capitão de mar e guerra Francisco Soares Franco,



No quartel de marinheiros — Exercícios

mais tarde visconde de Soares Franco. Accumulava aquelle cargo com o de commandante da fragata.

O 2.º commandante do novo corpo foi o capitão tenente Roberto Frederico da Costa e Silva, que em 54 foi substituido pelo visconde Sergio de Sousa, pae do actual commandante do corpo, almirante Sergio de Sousa.

Em 6 de março de 1855 o nome de *Corpo de Marinheiros Militares* foi substituido pelo de *Corpo de Marinheiros da Armada Real*, sendo a sua residencia em Lisboa, no mar ou em terra. Vinte annos depois, em março de 75 a corporação passou a ser *Corpo de Marinheiros da Armada*, com organização nova. Em maio de 1884 o corpo soffreu outra organização, fixando-se a sua residencia em terra, "proximo do mar". A ultima organização data de 30 de janeiro de 1898 e foi proposta pelo então ministro da marinha, Dias Costa.

Eis em resumo a historia chronologica do corpo de marinheiros, dentro da monotonia singela das datas. A outra, a historia brilhante, a historia dos feitos heroicos, não cabe na estreiteza de uma revista. Seria necessario um grande volume de folhas douradas e teriamos de reunir, para a sua synthese, milhões de notas respi-

gadas aqui e ali, pelas outras historias, nos fastos da nossa marinha de guerra, nas biographias dispersas, nas praias, nas colonias, nas vagas, em toda a parte por onde a nossa bandeira passou tre-



A quartéis

mulando. Essa está escrita na memoria e no coração de todos nós. O corpo de marinheiros existiu sempre sem necessitar de designa-



Terno de corneteiros

ções para representar a grande corporação da armada portugueza, honrada e heroica.

Tomando-o como typo, presta o *Brazil-Portugal* uma homenagem



Clichés de A. Lima

Grupo de officiaes inferiores

de respeito a essa entidade que tantas tradições de bravura soube gravar nas nossas chronicas maritimas.

Como nota interessante publicamos uma relação, incompleta, dos commandantes do corpo de marinheiros.

Contra almirante graduado, João Maximo da Silva Rodvalho: entregou o commando em 28-9-70; Contra almirante, Francisco Antonio Gonçalves Cardoso: commandou desde 28-9-70 a 27-2-75; Contra almirante Francisco Olegario de Seabra Preto: commandou desde 27-2-75 a 1-9-80; capitão de mar e guerra, Celestino Claudio da Fonseca Ferreira: commandou desde 1-9-80 a 3-3-90; capitão de mar e guerra, Pedro Ignacio do Rio de Carvalho: commandou interinamente desde 3-3-90 a 3-5-90; contra almirante, conselheiro Rodrigo Augusto Teixeira Pinho: commandou desde 3-5-90 a 27-7-91; contra almirante, Antonio de Sousa Pereira de Sampaio: commandou desde 27-7-91 a 8-10-94; contra almirante, José Alemão de Mendonça Cisneiros de Faria: commandou desde 8-10-94 a 6-2-95; contra almirante, Pereira Marques: commandou desde 6-2-95 a 14-11-95; contra almirante, conselheiro Augusto C. Cardoso de Carvalho: commandou desde 14-11-95 a 26-12-98; contra almirante, Pedro Ignacio do Rio de Carvalho: commandou desde 5-1-99 a 1-8-900.

O actual commandante, almirante Antonio Sergio de Sousa, commanda desde 1 de agosto de 1900.

Dia de sol

Talvez tu chores n'esta hora; eu
Estou tão contente, canto tanto e rio!
— Este sol de hoje não me quiz sombrio
E a natureza não me quer só teu.

Talvez tu chores. Minha dor morreu
Ante a luz forte e sensual do Estio;
E se tu choras porque só tens frio.
Quem tem a culpa de eu me rir é o céu.

Pois chora, chora: — a dor humana tem
De ter quem a amamente; mas se alguém,
Se tu, para eu não ver os astros sãos,

Viesses fechar-me os olhos, distraída,
Eu, que nas tuas mãos puz minha vida,
Era capaz de te quebrar as mãos!

NUNES CLARO

A deshonra é uma ferida que se cicatriza,
mas que nunca desaparece.

(Traduzido do arabe).

✱

Sê bella, se podes; sabia se quizeres; mas
o que é preciso é que sejas ajuizada.

BEAUMARCHAIS.

✱

Os denses passam como os homens, e seria
bem mau se elles fossem eternos.

RENAN.

✱

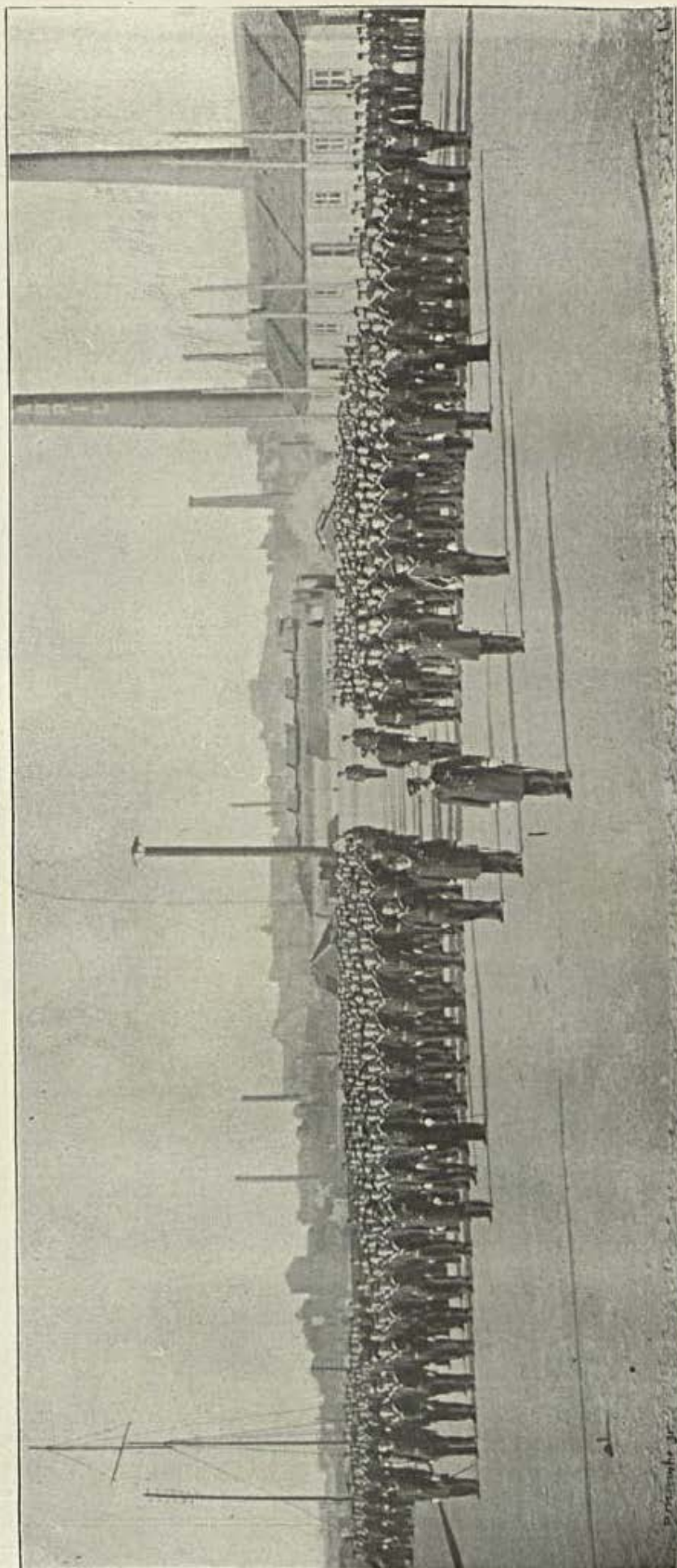
Abram as portas á verdade e á mentira: é
a mentira que ha de entrar primeiro.

NAPOLEÃO III.

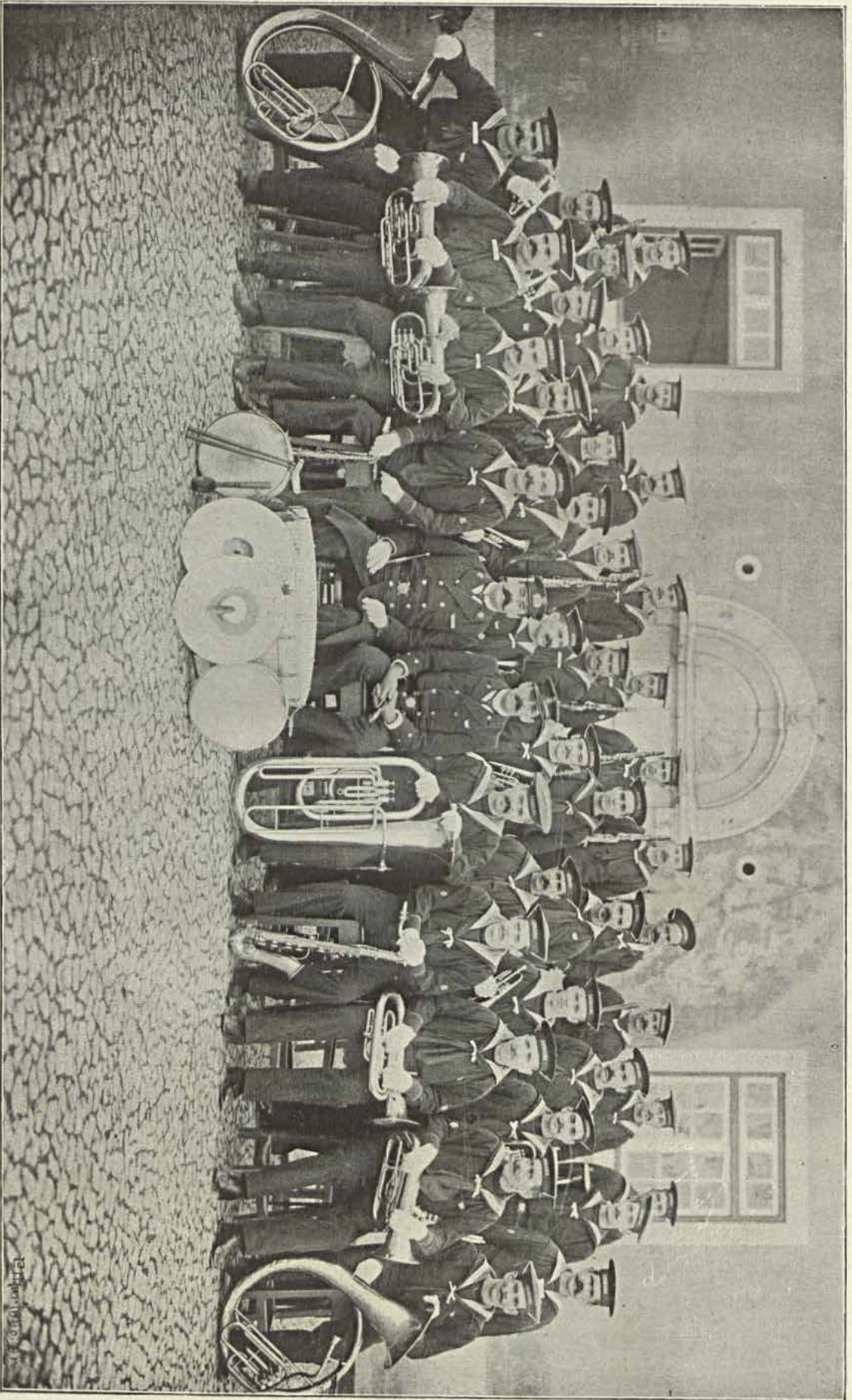
✱

A experiencia é um trophéu composto de
todas as armas que nos feriram.

TH. GERFAUT.



Corpo de marinheiros, em columna de poletões



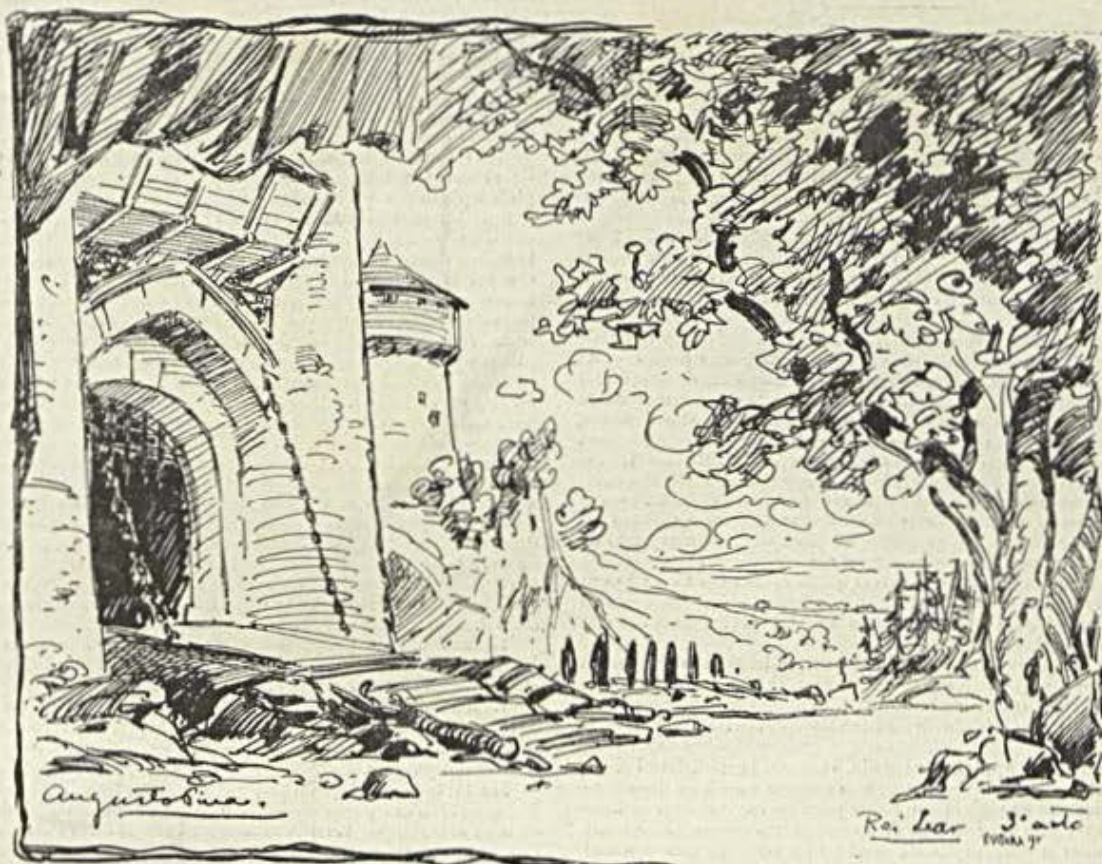
Cliche de A. Lima

A banda do corpo de marinheiros

1911

REI LEAR, de Shakespeare

Adaptação por Julio Dantas — Representada no teatro de D. Maria em 23-12-904



THEATROS

D. Maria — O *Rei Lear*. **D. Amelia** — A *Clareira*. **Gymnasio** — O *dr. Bonco*. **Avenida** — O *marcozama*. **Zanella**. *Recordações do Sal e Pimenta*. **Trindade** — Os *raios X*. **Príncipe Real** — *Colyseu dos Recreios*.

Plena faina theatral. A época *bat son plein*. Dão peças novas, todos os theatros de Lisboa, umas que se somem pelo ponto abaixo, outras que resistem *tant pis que mal*, e poucas, em summa, que proseguem em triumphal carreira.

De **S. Carlos**, que dá como primeira novidade lyrica a *Thais* de Massenet, até ao **Rato**, onde a graça apimentada e popular de Baptista Diniz esfusua no *Litro prohibido*, raras são as casas de espectáculo de Lisboa que na quinzena decorrida deixaram de dar ao seu publico peça nova.

Abre a lista **D. Maria** com o *Rei Lear*. Nunca foi tão aguçada a curiosidade e tão vivo o interesse em se assistir a uma *première*. As responsabilidades tremendas d'essa formidável tragedia, do original á adaptação, do scenario ao desempenho, da interpretação portugueza da grande figura tragica do rei ao confronto com a de artistas famosos, por tal maneira se impunham ao espirito publico que não podia essa *première* deixar de ser um acontecimento sensacional. E foi-o. Lá estavam no seu posto não só o publico, ávido sempre de curiosidades emocionantes, mas todos os que tem a veleidade de fazer a opinião, os que se arrogam a missão sagrada de ir exclusivamente para o theatro rebuscar e espreitar defeitos e manchas na obra de arte, alvejando de preferencia os auctores... se são portuguezes.

Ora, n'esta memoravel noite theatral quem estava em fôco não era bem Shakespeare: era o sr. Julio Dantas, e iam até apostar que os binoculos inquisitoriaes se fixavam mais no sr. Ferreira da Silva que no tragico rei de Inglaterra.

Ora, não me sendo dado o gozo de entrar no rol dos inquisidores da critica, limito-me a registar impressões, a dizer claramente o que penso, a tentar pôr em letra redonda a quantidade de emoção que produziu no meu espirito a exhibição dramatica do *Rei Lear* em versos portuguezes.

Antes de tudo: um applauso rasgado, sincero, incondicional á sociedade do theatro de D. Maria que se não poupou a nenhum dos esforços que humanamente se podem empregar para apresentar com as honras que lhe competem a tragedia shakespeareana: a um poeta de nome consagrado confiou a adaptação da portentosa obra de arte á scena portugueza, ao seu primeiro artista incumbiu a interpretação invencível do primeiro personagem, encarregou do scenario tão luxuoso como apropriado os scenographos mais em voga, e conseguiu que fossem uma obra prima de guarda roupa os vestuarios da época.

Para este esforço não ha elogios que bastem, e não obstante reconhecer-se de antemão que ha difficuldades insuperaveis quando se pretenda pôr em scena uma obra d'esta grandeza, não devem ser nunca regateados louvores a quem affronta as opiniões exigentes e provoca as criticas, não raro aleivosas, para expôr ao publico, ao grande numero em que os ignorantos constituem a maior parte, uma obra d'arte, de litteratura e de theatro, que a fama alastrou por todas as fronteiras, que quatro seculos consagraram, e que sem esse esforço consciente, sem essa vontade energica, apenas de nome continuaria a ser conhecida por esse grande numero.

Conscientissimo e incondicional, como disse, é portanto este elogio, em que vai o agradecimento do publico... apesar de não ter recebido procação para isso.

No mais — continue a franqueza a ser a divisa d'estas chronicas — é de justiça confessar que dos defeitos de adaptação e desempenho, surpreza alguma nos adveio. Não pelo facto de ser o sr. Julio Dantas o poeta que adaptou, mas por ser em verso a adaptação; não por ser Ferreira da Silva o interprete do *Rei Lear*, mas por ser interpretada a grande figura por um actor portuguez. As syntheses energicas de Shakespeare, as selvagerias laconicas da tragedia, aquella maneira unica de chocar sentimentos, de ir direito ao fundo da alma, de pôr de parte rodeios e periphrases para attingir em pleno coração a verdade, e em palavras que parece apenas existirem para gravarem a forma onomatopáica do pensamento e expô-lo em toda a sua intensa realidade, não ha forma poetica, não ha em nenhuma litteratura do mundo moldura metrica que lhes sirva, porque aquelle oceano ha de por força trasbordar e arrombar todos os diques da rima em que procurem fechalo os engenhos mais argutos e a arte mais primorosa.

São estes os defeitos assacados ao adaptador portuguez, e ha n'isto justiça pelas razões expostas, tanta quanta injustiça existe nos que pondo aquella em relevo se esquecem de dar relevo tambem ao que ha de valioso, de litterario, de theatral na adaptação portugueza, se esquecem de alludir a passagens numerosas e a numerosos versos em que o poeta portuguez encontrou a forma elevada de dar o equivalente da ideia primitiva em toda a sua profundidade, do sentimento do original em toda a sua intensidade. Isto seria equitativo que se dissesse e se frizasse quanta lucta cerebral, quanto esforço de intellecto posto ao serviço d'esta tarefa exhaustiva, para dar n'um paleo portuguez, em linguagem metrica portugueza, esse turbilhão de paixões, esse medonho acervo de infamias, de traições, de maldades, essas lauces heroicas de nobreza medieval, a mais delicada ternura feminina ao lado da infamia feminina mais monstruosa, esses gritos lancinantes, essas angustias tragicas, todo esse mundo formidável que se chama a alma de Shakespeare.

Como o espirito exigente concebe as creações immortaes do poeta

inglez, tenho para mim que ellas são irrepresentaveis. Para o *Rei Lear*, por exemplo, eu não comprehendo interprete maior do que o Emmanuel, que me deu a mais funda emoção de arte, que tenho sentido no theatro. E contudo apenas entrevejo n'essa creação theatral o esboço da figura tragica do desgraçado rei. Como pretendiam então que um artista portuguez, que o sr. Ferreira da Silva, vencesse as difficuldades invenciveis?

O *Othello* ou o *Hamlet*, ou o *Rei Lear*, na phrase de Hugo, não é um homem, é o homem, isto é a humanidade. E se a arte de escrever é sem duvida mais vasta que a arte de representar porque não tem restricções nem limites, d'ahi a demonstração da asserção feita: as grandes e complexas figuras de Shakespeare podem ser representadas, mas não deixam de ser irrepresentaveis.

Não era tão ingenuo o sr. Ferreira da Silva que não visse deante de si estes antolhos, as montanhas inacessiveis do alto pensamento philosophico do poeta. Mas se tantos se tem aventurado a escalar-as porque havia de recuar? Feito o plano, arriscada a tentativa, fugir seria uma covardia. E então poz no seu trabalho toda a consciencia, todo o talento e todo o vigor que podia conceder-lhe, e o que elle fez, e o *Rei Lear* que elle apresentou, merece louvores e estímulos. Scenas houve como as dos primeiros quadros em que esteve á altura das responsabilidades. Fraquejou n'outras, onde outros de mais vasto nome tem fraquejado. Mas não é injusta a critica quando se associa aos applausos com que o publico premiar o seu esforço e o seu trabalho.

Numerosos são os personagens da tragedia, que na medida das suas forças, os artistas de D. Maria reproduziram, não dando ao conjunto uma nota destoante. Quatro, porém, quero destacar pelo cunho de arte que imprimiram ao seu bello trabalho: Augusto de Mello no velho Gloucester, Fernando Maia no conde de Kent, Luz Velloso no papel de Cordelia e Ignacio no do bobo.

Manini e Pina nos trabalhos de scenographia que apresentaram deram uma prova mais do seu grande valor. As scenas do 3.º e 5.º quadros, que hoje damos em gravura, *segnes*, A. Pina, são duas bellas obras de arte que honram a scenographia portugueza. O guarda roupa é uma obra prima de variedade e confeecção, que honra a empresa societaria, a qual acima de tudo teve em mira o honrar o seu theatro dando n'elle a Shakespeare entrada solemne e pomposa.

E, sob muitos pontos de vista interessante a peça de Donnay e Descaves *A Clareira*, que n'uma correcta traducção de Celia Roma, subiu á scena no **D. Amelia**.

É uma obra de these, a propaganda e defesa de uma ideia socialista, que constitue a base da acção, na qual interesses e conflictos se movem dando logar a dialogos de brilho e a situações de valor, que interessam o publico.

Muito bem desempenhada, principalmente por Brazão e Augusto Rosa, este n'um papel de medico, e aquelle em um alfaiate, fundador de uma colonia, por Lucilia Simões, Adelina, Maria Pia, Antunes, Alves, Pinheiro, Cabral e Gil, a *Clareira* representa mais o louvavel desejo da empresa do **D. Amelia** em dar a conhecer ao seu publico as obras mais em voga dos modernos e laureados escriptores dramaticos.

O *dr. Bonco*, a ultima comedia que nos deu o **Gymnasio**, na festa de Joaquim d'Almeida, é bem, sobretudo pela ingenuidade das situações, uma peça allemã. Adaptou-a aos artistas d'aquelle theatro o sr. Xavier Marques, que poz scenas de sua casa, e tirou de algumas effeitos comicos, a que deram relevo, coroado pelo publico com applausos, os melhores artistas, d'aquella casa, Joaquim d'Almeida, Barbara, Telmo, Jesuina Saraiva e ainda os novos artistas que estão fazendo no **Gymnasio** sob a intelligente direcção de Valle uma bella carreira.

No **Avenida** lá continua o *Marcozama* a transportar-nos ao reinado de D. Manoel e a levar-nos com Vasco da Gama do Mindello á India. Para suavisar as agruras da viagem ao longo do mar tenebroso, não obstante encantar-nos os olhos a pintura por vezes inspirada de Machado, lá temos Palmyra Bastos no *Zanella*, a dizer nos deliciosamente esses adoraveis versos, a que Aceacio Antunes, na versão, deu o perfume da poesia portugueza e a que Mascagni imprimiu um inconfundível sabor lyrico.

Etelvina Serra acompanha na interpretação a sua gloriosa collega e revela qualidades de *diseuse*, que são do seu talento uma feição nova. As *Recordações do Sal e Pimenta*, de Sousa Bastos tem completado o interessante espectáculo que remou o theatro da Avenida.

O luxo, a riqueza, a preciosidade do guarda-roupa, a ostentação scenographica, são o merito principal, o attractivo maior da revista *Os Ratos X*, original de Ezeulapio e Caracoles que actualmente está em scena no theatro da **Trindade**. Por esse valiosissimo e dispendioso serviço ás artes decorativas bem merece o sr. Taveira os applausos de toda a gente, os da critica e os do publico, que lhe tem feito uma ovação maior que a ovação aos auctores e aos artistas.

Merecem-n'a estes pelo trabalho monumental que tem na revista e merecem n'a os scenographos que apresentam scenas lindissimas, pintadas com inexcidível esmero, merecem-n'a todos os que intervieram no guarda roupa em que o bom gosto corre parelhas com o luxo.

Foi menos expansiva a que receberam os auctores, e não foi injusto o publico, porque se ha situações engraçadas e ditos comicos, a Revista está como o *foie gras*. Falta-lhe a materia prima. Tem de tudo menos de revista.

A do **Príncipe Real** é que não está por enquanto resolvida a ceder o seu logar, pois que as enchentes se repetem como se repetem pelas novidades sensacionais que desfilam por semana, as do **Colyseu dos Recreios**.

JAYME VICTOR.

